

ESCOLHA DE RODAS DÁ A SERRA MAIOR PODER SOBRE A USP

Thais Carrança
Estudante de Jornalismo

Fotos: Daniel Garcia



Mobilização de estudantes na FFLCH (26/11): "boas-vindas" para Rodas

A difícil sucessão de Suely Vilela na Reitoria, marcada por encarniçada disputa entre grupos da própria burocracia, abriu, ao mesmo tempo, espaço inédito para a agenda do movimento social, disposto a lutar para democratizar as estruturas da USP e seu processo eleitoral oligárquico. Em 12/11/09, o governador José Serra anunciou que nomeara para o cargo João Grandino Rodas, segundo nome da lista tríplice. Ao romper com a tradição de nomear o primeiro da lista — no caso, Glaucius Oliva — Serra repetiu o gesto de Maluf em 1981: nomeação do quarto nome de uma lista sêxtupla (Hélio Vieira). Rodas terá dificuldade em desfazer a imagem de interventor

Onovo reitor, João Grandino Rodas, assume o cargo em 25 de janeiro de 2010, após adiar a data oficial de posse em dois meses. A justificativa para o atraso está em uma retomada das tradições: “Tradicionalmente, a data da posse dos reitores da USP sempre foi 25 de janeiro, dia em que foi fundada a Universidade, em 1934”, afirma em comunicado à comunidade, de 26/11/2009, assinado por ele e pelo reitor em exercício Franco Maria Lajolo (vice de Suely Vilela). O intervalo entre o fim do mandato de Suely e a posse de Rodas será dedicado,

segundo a mensagem, a um processo de transição.

Também nesse sentido de retorno às origens está a volta para a Antiga Reitoria, explicada no mesmo comunicado: “A Reitoria da USP, por muitos anos, ocupou prédio próprio de oito andares, situado em frente à Praça do Reclógio (...) O novo reitor optou por voltar já ao anterior Gabinete do sexto andar, tradicionalmente ocupado por seus predecessores mais remotos”. Segundo a *Folha de S. Paulo* (27/11/2009) e o *Jornal do Campus* (edição 361), há a intenção de devolver o prédio atual ao Crusp, sua finalidade inicial.

A tentativa de romper com o passado recente através de atos simbólicos como estes vai ao encontro das expectativas do governador José Serra, que optou pelo segundo colocado, dito “de oposição”, de uma lista tríplice completada por dois candidatos próximos à reitora Suely Vilela — Glaucius Oliva, mais votado nos dois primeiros turnos, e Armando Corbani. O governador estaria insatisfeito com a última gestão desde a ocupação do prédio da Reitoria por estudantes e funcionários durante 51 dias em 2007, quando Suely não teria agido com “pulso firme” diante da situação.



Professores Rodas e Oliva durante debate no ICB (17/9): disputa acirrada entre projetos conservadores

Declararam-se candidatas às eleições de 2009 para reitor(a) oito professores. Entre os tidos como preferidos de Suely Vilela estavam os pró-reitores Armando Corbani (Pós-Graduação), professor do Instituto de Física, e Ruy Altafim (Cultura e Extensão), professor da Escola de Engenharia de São Carlos. Contudo, mais articulado politicamente era Glaucius Oliva, diretor do Instituto de Física de São Carlos (IFSC).

Oliva presidiu a Comissão de Atividades Acadêmicas (CAA) do

Diretor da FD, Rodas requisitou a presença da tropa de choque para dar fim a uma ocupação simbólica da unidade. Presidia a Comissão de Legislação e Recursos da USP quando propôs resolução que permitiu à PM entrar no campus

Conselho Universitário (Co) e a Comissão de Planejamento da USP. Participou, ainda, de outras comissões cujas atividades impactaram, de algum modo, a gestão Suely: a comissão que criou o Inlusp e a Comissão Especial montada para

estudar e implementar a reforma estatutária (que sistematizou a proposta de reforma da carreira docente, aprovada no Co em 4/3/2009).

Outros quatro candidatos oriundos da burocracia da USP apresentavam, à diferença dos três primeiros, uma posição mais crítica relativamente à gestão Suely: o próprio Rodas, Sonia Penin, Wanderley Messias e Sylvio Sawaya. No mais das vezes, essa crítica se limitou a aspectos pontuais da administração ou da vida da instituição.

João Grandino Rodas chegou à diretoria da Faculdade de Direito (FD) do Largo São Francisco sob a proteção de Celso Lafer, professor da área de influência de Miguel Reale — que foi por duas vezes reitor da USP (1949-1950 e 1969-1973). Durante sua gestão como diretor da FD, Rodas requisitou a presença da tropa de choque da Polícia Militar para expulsar militantes de movimentos sociais que realizavam uma ocupação simbólica da unidade. Presidia a Comissão de Legislação e Recursos (CLR) da USP, quando esta apresentou resolução, aprovada pelo Co em 4/3/2009, que permitiu a entrada da PM no campus da universidade.

Sonia Penin, diretora da Faculdade de Educação, integrou o Conselho de Educação do Estado de São Paulo no período 1995-2007 e é membro da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes-MEC) desde 2005. Ela foi pró-reitora de Graduação na gestão do reitor Adolpho Melfi (2001-2005).

Sylvio Sawaya, diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), participou da comissão de criação da “USP Leste”. Foi um dos organizadores do “abraço à torre do Relógio” em repúdio à ocupação da Reitoria em 2007, bem como do abaixo-assinado em defesa da permanência da reitora durante a crise do primeiro semestre de 2009.

Wanderley Messias da Costa, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), é titular da Coordenação de Comunicação Social, que responde pelas mídias da universidade (*Jornal da USP*, Rádio USP e outros). Foi chefe de Gabinete da gestão Suely durante os nove primeiros meses do mandato.

O único candidato ligado ao movimento universitário, entre os oito que disputavam a eleição oficial, era Francisco Miraglia, professor do Instituto de Matemática e Estatística (IME). Ex-presidente

A campanha eleitoral para reitor em 2009 foi marcada por grande número de debates entre candidatos e, na mídia, visibilidade nunca antes vista. Pautas históricas do movimento passaram a ser parte do discurso de todos os candidatos

da Adusp, foi diretor do Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes-SN) e coordenador do Fórum das Seis — articulação que congrega representantes de docentes, funcionários técnico-administrativos e estudantes das três universidades estaduais paulistas.

O professor Francisco de Oliveira, da FFLCH, lançou-se candidato de protesto, com apoio do Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) e da Associação dos Pós-Graduandos (APG), como

parte de uma “Campanha de Democratização da USP”. O objetivo da “anti-candidatura” foi trazer ao debate questões como a necessidade de democratização da estrutura de poder, a crítica a políticas de mercantilização da educação e de precarização do trabalho na universidade.

Com grande expectativa após os violentos acontecimentos do primeiro semestre, a campanha eleitoral para reitor em 2009 foi marcada por grande número de debates entre os candidatos, além de sabatinas individuais, promovidos por congregações, pela Adusp e por veículos de imprensa. Estes últimos também de-

ram a todo o processo uma visibilidade pública nunca antes vista, com matérias periódicas enfocando os candidatos e suas propostas. A Reitoria criou um site com apresentação dos candidatos, regras do processo eleitoral, a lista de eleitores e um blog, que divulgou em tempo real a apuração dos dois primeiros turnos.

Outro diferencial nesta campanha foi que pautas do movimento de estudantes, professores e funcionários passaram a ser parte mais ou menos obrigatória do discurso de todos os candidatos: “democratização da estrutura de poder” e “diálogo” tornaram-se mantras na boca dos reitoráveis, porém de forma bastante diversa das reivindicações históricas dos movimentos sociais.



Professor Miraglia intervém em debate: defesa das bandeiras históricas do movimento

Miraglia

declarou-se único candidato

“de fato de oposição ao status quo”. Defendeu a Estatuinte, eleições diretas para diretores e reitor e fim das listas tríplexes. Rejeitou o EàD na graduação e propôs a reversão do processo de terceirização do trabalho na USP

Ao longo do processo, Oliva colocou a necessidade de planejamento estratégico como norte de sua candidatura. Logo no primeiro debate público da campanha, realizado no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), afirmou: “É preciso, de forma conjunta, pensarmos o futuro e definirmos e encontrarmos o ponto onde queremos chegar. (...) Pode-se então detalhar quais são as atividades de todas as áreas de atuação, na graduação, na pesquisa, na extensão, que devem

ser realizadas de forma alinhada com essa visão de futuro”.

O professor de São Carlos optou por fazer um discurso “linha-dura” e de defesa do status quo. Defendeu a reforma do Estatuto apenas em pontos específicos, sem necessidade de uma Estatuinte, afirmando que a reforma da carreira docente passou por processo “aberto e participativo”; colocou-se favorável ao ensino à distância; afirmou a necessidade de fundações privadas e de parcerias com

TABELA 1 - Eleições Democráticas

| Candidatos | Votos |
|-----------------------|-------|
| Francisco Miraglia | 478 |
| Glaucius Oliva | 174 |
| Sonia Penin | 142 |
| João Grandino Rodas | 126 |
| Wanderley Messias | 57 |
| Francisco de Oliveira | 56 |
| Armando Corbani | 55 |
| Ruy Altafim | 37 |
| Sylvio Sawaya | 30 |
| Branco | 39 |
| Nulos | 50 |
| Total de votos | 1.245 |

Fonte: Adusp

TABELA 2 - Resultado do 1º turno

| Candidato | Votos |
|------------------------------|-------|
| Glaucius Oliva | 756 |
| João Grandino Rodas | 643 |
| Armando Corbani | 423 |
| Francisco Miraglia | 295 |
| Sonia Penin | 272 |
| Ruy Altafim | 202 |
| Wanderley Messias | 167 |
| Sylvio Sawaya | 69 |
| Branco | 1.551 |
| Nulos | 364 |
| Outros professores titulares | 181 |
| Total de votos | 4.923 |

Fonte: Assessoria de Imprensa da USP

TABELA 3 - Resultado do 2º turno (3º escrutínio)

| Candidatos | Votos |
|---------------------|-------|
| Glaucius Oliva | 161 |
| João Grandino Rodas | 104 |
| Armando Corbani | 101 |
| Ruy Altafim | 78 |
| Sonia Penin | 61 |
| Francisco Miraglia | 20 |
| Wanderley Messias | 13 |
| Sylvio Sawaya | 6 |
| Branco | 275 |
| Nulos | 3 |
| Total de votos | 822 |

Fonte: Assessoria de Imprensa da USP

TABELA 4 - Representatividade das categorias no processo eleitoral

| Categoria | Total | 1º turno | | | 2º turno | | |
|------------------|--------|----------|--------------------------|------------------------|----------|--------------------------|------------------------|
| | | Votantes | % Votantes/ categoria | Votantes/ categoria | Votantes | % Votantes/ categoria | Votantes/ categoria |
| Professores | 5.683 | 1.650 | 29,03 | 1:3 | 276 | 16,72 | 1:20 |
| Alunos de pós | 31.319 | 67 | 0,21 | 1:467 | 21 | 0,06 | 1:1.491 |
| Alunos graduação | 55863 | 98 | 0,17 | 1:570 | 19 | 0,03 | 1:2.940 |
| Funcionários | 15.435 | 69 | 0,44 | 1:223 | 3 | 0,01 | 1:5.145 |

Fontes: Dados demográficos da USP: Anuário Estatístico 2007. Composição do 1º turno: O Estado de S. Paulo (20/10/2009). Composição do 2º turno: Secretaria Geral da Reitoria.

o setor privado; desresponsabilizou a Reitoria pela invasão da PM no campus; e, como a maioria dos candidatos, defendeu a democratização dos colegiados “no limite da LDB” (com 30% de representantes não-docentes), colocando-se contrário a eleições diretas para reitor, e favorável somente ao fim da lista tríplice.

Por sua vez, Rodas pôs a ênfase de sua campanha na necessidade de diálogo — de modo semelhante ao que fizera quando pleiteava a vaga de diretor da FD. Perguntado, em entrevista ao *Estado de S. Paulo* (28/6/2009), sobre os maiores problemas da USP, respondeu: “O primeiro é estabelecer diálogo amplo, sistemático, transparente, democrático e responsável. Deve-se enfatizar o responsável, pois diálogo não deve ser simulacro. As pautas de reivindicação devem ser claras; as pessoas que o conduzem não devem ser mudadas a cada sessão”.

Rodas defendeu a ampliação do debate na comunidade USP através de ferramentas de consulta vir-

tuais; sugeriu a busca por fontes alternativas de financiamento para manutenção e modernização da infraestrutura física, através de parcerias com entidades como BNDES, Banco Mundial e Banco Interamericano; afirmou que a greve é um instrumento legítimo, mas o piquete é ilegal por impedir o direito de ir e vir; defendeu a necessidade de

campanha, em claro contraste com seus concorrentes: “A USP tem uma enorme centralização no poder de decisão, por isso precisamos democratizar não só a estrutura de poder, mas as relações sociais e acadêmicas. E, ao humanizar essas relações, o que inclui desburocratizar, descentralizar e dar autonomia, fazemos com que cada um de nós seja sujeito da nossa vida acadê-

mica e da história da instituição”, afirmou em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* (4/10/2009).

O professor do IME, que declarou ser o único candidato “de fato de oposição ao *status quo*” (entrevista à *Rede Brasil Atual*, 6/10/2009), defendeu a reforma do Estatuto através de uma Estatuinte, com a participação das três categorias; afirmou ser favorável a eleições diretas e ao fim da lista tríplice para a escolha de chefes de departamento, diretores de unidade e reitor; colocou-se contrário ao ensino à distância na graduação; propôs a interrupção do processo de terceirização do trabalho na universidade e sua

A relação
“votantes/contingente da categoria
representada” torna-se ainda mais dramática
no segundo turno, realçando a enorme disparidade
existente entre as categorias. Os mais
discriminados são os funcionários

normas jurídicas claras como solução para questões como a autonomia universitária e a relação com as fundações privadas; colocou-se também favorável à democratização dos colegiados nos moldes da LDB.

No outro polo do debate, o candidato Miraglia colocou a democratização da estrutura de poder da universidade como eixo de sua



Alunos das Artes Cênicas em protesto que adiou o segundo turno das eleições: humor na crítica radical

reversão onde isso fosse possível; defendeu a proibição da delegação de atividades-fim da universidade a entidades privadas, como as fundações ditas “de apoio”.

Como parte de sua campanha pela democratização, a Adusp promoveu um processo de consulta à comunidade docente, a “Eleição Democrática para Reitor”. Miraglia recebeu 41% dos votos, de um universo de 1.245 votantes. Em seguida vieram Oliva (15%), Sonia Penin (12%) e Rodas (10%) (vide **tabela 1**). A entidade exortou os professores com direito a voto no colégio eleitoral a respeitarem o resultado da consulta. Miraglia conquistou o quarto lugar no primeiro turno. No segundo turno, quando há uma brutal redução do colégio eleitoral e as congregações deixam de votar, ele caiu para o sexto lugar.

No primeiro turno, votam os membros da chamada “Assembléia Universitária”, composta por membros do Co, dos conselhos centrais

(Graduação, Pós-Graduação, Pesquisa e Cultura e Extensão) e pelas congregações das unidades, num total de 1.925 eleitores, que podem escolher até três candidatos cada. São elegíveis ao cargo todos os professores titulares — 1.059 por ocasião da eleição (ambos os dados são da Reitoria). Este turno define uma lista de oito candidatos, que é levada ao 2º turno.

Do total de eleitores, cerca de 1.650 são professores, 69 são funcionários e 165 são alunos, sendo 67 de pós-graduação e 98 de graduação. Os professores votantes são 29% do total de 5.683 (1 voto = 3 professores). Funcionários votantes são 0,44% do total de 15.435 (1 voto = 223 funcionários). Pós-graduandos votantes são 0,21%, do total de 31.319 (1 voto = 467 pós-graduandos). Graduandos votantes representam 0,17% do total de 55.863 (1 voto = 570 alunos). Os dados quanto à composição do colégio eleitoral são do jornal *O Estado de*

S. Paulo de 20/10/2009. Os dados demográficos da USP são do Anuário Estatístico 2007.

Compareceram às urnas 1.641 votantes, o que representa um índice de abstenção de cerca de 15%. Os candidatos mais votados foram Oliva, Rodas, Corbani e Miraglia (**tabela 2**). No campus da capital, dois protestos de estudantes marcaram o primeiro turno: um no Instituto de Psicologia, com faixas e panfletagem pedindo maior representatividade para alunos e funcionários. Outro partiu da FFLCH rumo à Reitoria, com faixas, palavras de ordem e rjões, pedindo a democratização da estrutura de poder.

O colégio eleitoral do segundo turno é composto por membros do Co e dos conselhos centrais, somando apenas 325 eleitores. Novamente, cada votante pode optar por até três nomes. O processo passa por até três escrutínios, com o objetivo de que um dos candidatos obtenha maioria simples — caso isso não ocorra, os três primeiros nomes do último escrutínio compõem a lista tríplice, enviada então para a apreciação do governador.

Dos 325 eleitores do colégio eleitoral no segundo turno, 276 são docentes, 40 são representantes discente (21 de pós-graduação e 19 de graduação) e apenas 3 são funcionários. Votam ainda um representante dos antigos alunos, um da classe trabalhadora, três de federações empresariais (agricultura, comércio e indústria) e um da Fapesp. A relação “votantes/contingente da categoria representada” torna-se ainda mais dramática, realçando a enorme dispari-

dade existente entre as categorias: professores, 1:20; pós-graduandos, 1:1.491; alunos de graduação, 1:2.940; funcionários, 1: 5.145. Os trabalhadores técnico-administrativos da USP são, assim, os mais negativamente discriminados pela oligarquia que controla a instituição (vide **tabela 4**).

Em protesto contra esse cenário profundamente antidemocrático, estudantes, funcionários e militantes de movimentos sociais realizaram manifestações. No dia previsto para o segundo turno, 10/11/2009, impediram a entrada dos membros do colégio eleitoral no prédio da Reitoria. Estudantes das Artes Cênicas vestiram-se como cortesãos e realizaram performances para ironizar o processo. Houve bate-boca e empurra-empurra entre professores e manifestantes. Por fim, a Reitoria anunciou o adiamento do segundo turno.

O novo local de votação foi divulgado na noite do mesmo dia, apenas para os membros do colégio eleitoral, por e-mail, numa tentativa de evitar novos protestos. Na manhã de 11/11, a Praça Cívica do Memorial da América Latina amanheceu fortemente policiada e com agentes da Guarda Universitária vigiando todos os seus portões. Estudantes e funcionários foram impedidos de entrar por uma barreira de policiais da Força Tática munidos de escudos. Em resposta, a avenida em frente à Biblioteca do Memorial foi bloqueada pelos ma-

nifestantes. Apesar de momentos de maior tensão, não houve conflito. Dessa vez, o processo eleitoral não pôde ser impedido.

Compareceram à votação 274 eleitores, num índice de abstenção de cerca de 15%. Oliva encabeçou os três escrutínios, seguido por Rodas e Corbani. A variação de votos nas três etapas foi mínima e, ao fim do processo, nenhum dos candidatos obteve maioria (**tabela 3**).

Na noite do dia 12/11, apenas um dia após a votação do colégio eleitoral, tornou-se pública a escolha de José Serra: Rodas, o

Somente não ocorreria se Rodas ficasse de fora da lista tríplice, o que seria um revés surpreendente. O grupo de Suely tentou construir este cenário, ao longo das votações do segundo turno, arregimentando votos para Corbani e Altafim, o que levou o primeiro a praticamente encostar em Rodas no terceiro e último escrutínio (101 x 104). Um eventual terceiro lugar de Rodas na lista tríplice não impediria, mas tornaria mais embaraçosa a opção prévia de Serra.

Em entrevista ao *Jornal do Campus* (edição 361), Oliva expressou sua insatisfação, dizendo haver estranhado “a forma rápida com que esta decisão foi tomada, aparentemente sem uma análise mais aprofundada dos projetos e das qualificações dos candidatos”. O diretor do IFSC aludiu às afinidades entre Serra e

Rodas, relacionadas ao entorno do PSDB: “Ficou a impressão de que a escolha teve outros contornos, talvez políticos, partidários ou pessoais, e isso não é muito bom para a Universidade como um todo”.

Diversos setores da universidade expressaram seu descontentamento com o desfecho do processo de sucessão. No dia inicialmente previsto para a posse de Rodas, 26/11, cerca de 40 estudantes realizaram uma passeata pelo campus do Butantã, e chegaram a entrar no novo Gabinete do reitor, ainda em reformas, no 6º andar da Antiga Reitoria, como uma forma de dar continuidade à luta pela democratização da USP.

O extenso currículo de Rodas e a experiência administrativa foram as justificativas de Serra para a escolha. Tudo sugere, porém, que a decisão fôra tomada de antevéspera. Só não ocorreria se Rodas ficasse de fora da lista

segundo colocado. A decisão seria publicada no Diário Oficial no dia seguinte. O extenso currículo de Rodas e sua experiência administrativa foram as justificativas de Serra para a escolha: “[Grandino] tem uma experiência longa, de natureza intelectual, profissional e administrativa, me pareceu um nome bastante bom, sem demérito dos outros, que também têm excelentes currículos”, disse ele à *Folha de S. Paulo* em 14/11/2009.

Tudo sugere, porém, que a decisão fôra tomada de antevéspera.